



ENTRE/AFRO FASHION DAY

www.correio24horas.com.br

Espaços do sagrado e da luta negra

Entenda a importância do Parque São Bartolomeu, da Pedra de Xangô e do Dique do Tororó

O quando você pensa em Salvador, quais são os lugares que aparecem na sua mente? Pensando daquele jeito rápido: se uma amiga ou amigo de outro estado chegasse à capital baiana, para onde você levaria? Alguns desses locais estão fora do eixo tradicional do turismo na cidade? Pois saiba: Salvador tem muito mais a oferecer do que a gente imagina.

Este ano, o Afro Fashion Day, evento de moda do CORREIO, quis fugir do clichê e buscou para as locações do Fashion Filme – que será exibido dia 20 – uma oportunidade de se aproximar de outras Salvador: e o Parque São Bartolomeu foi um dos destaques. Com 155 hectares e gerido pelo Inema, o parque fica dentro da Bacia do Cobre, abriga uma das últimas áreas remanescentes de Mata Atlântica do estado e tem significado especial para a cultura negra e para os adeptos das religiões de matriz africana.

Curador e produtor de moda do Afro, Fagner Bispo conta que fez uma seleção minuciosa dos locais de gravação, com objetivo de valorizar uma Salvador fora dos roteiros mais clássicos como Farol da Barra e Pelourinho, por exemplo. Para ele, levar um evento como o AFD para o Parque é uma forma de fortalecê-los e também de valorizar os modelos com suas identidades negras.

REFÚGIO

A pedagoga Márcia Santos, 46, é do terreiro Ilé Axé Odé Yeye Ibomin, em Lauro de Freitas, mas diz que pelo menos uma vez por mês deixa suas oferendas no Parque São Bartolomeu – mais especificamente na Cachoeira de Oxum. Ela conta que começou a frequentar o local no início da vida adulta, quando dava aula em escolas do Subúrbio Ferroviário e ainda não era convertida ao Candomblé.

Segundo Márcia, São Bartolomeu é um dos poucos espaços de Salvador que possui monumentos dedicados às reli-

giões de matriz africana e isso despertou sua curiosidade. Fez visitas guiadas junto a seus alunos e quando se deu conta já estava imersa no candomblé. A visita mensal é uma maneira de agradecer ao espaço por abrir os caminhos para a decisão que mudou sua vida.

Historiador que pesquisa as transformações no cenário urbano e como a Cidade do Salvador era exibida no final do século XIX e início do XX, Rafael Dantas explica que os espaços sagrados para as religiões de matrizes africanas em Salvador foram escolhidos, em sua maioria, pela necessidade dos adeptos realizarem seus cultos em um local que oferecesse contato com a natureza, principalmente com a água, e que, por motivo de segurança, fosse isolado do que era a capital baiana no passado.

Nos séculos XVII e até o século XIX, o Parque São Bartolomeu ficava em uma região muito afastada da cidade – que basicamente era compreendida entre o eixo da Praça Castro Alves até a região do Santo Antônio Além do Carmo. Ao redor dessa pequena Salvador o que havia eram fazendas, roças, sítios e regiões de mata.

“Não podemos esquecer que, durante muito tempo, predominou a imposição da fé católica. Portanto, as pessoas escravizadas se afastavam para montar seus quilombos e poder manifestar a sua fé”, conta o historiador.

Com o passar dos anos, essa necessidade foi se transformando em pertencimento. Várias pessoas e casas de candomblé foram fundadas nesses espaços. E com a urbanização e o crescimento populacional, não têm sido poucas as dificuldades para garantir a manutenção desses locais sagrados.

PEDRA DE XANGÔ

Dentro do Parque São Bartolomeu foram fundados quilombos como o do Urubu, chefiado pela Rainha Zeferina – personagem importantíssima nas batalhas pela Independência da Bahia.

1 Pedra de Xangô

Localizada em Cajazeiras, aglutina os terreiros da região e foi tombada há três anos pela prefeitura municipal

2 Dique do Tororó

Incorporado ao dia a dia da cidade, é espaço referencial para vários terreiros de Candomblé do centro

3 Parque São Bartolomeu

Com 155 hectares, o Parque localizado no Subúrbio Ferroviário está historicamente ligado aos movimentos de resistência da negritude



Mas o Parque não foi o único lugar a ter quilombos: na imensa região onde hoje é o bairro de Cajazeiras X, a Pedra de Xangô abrigava o quilombo do Buraco do Tatu. Presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia (AFA), Leonel Monteiro foi um dos pilares na luta pelo tombamento do monumento pela prefeitura municipal, que aconteceu há três anos e meio. A pedra fica numa área verde de 17 hectares e serve como aglutinadora da teia de terreiros do local.

Os espaços são muito importantes para o candomblé, já que o culto às divindades negras necessita de espaço, do contato com a natureza por onde os orixás se manifestam. “Para além do espaço físico do terreiro, também preservamos a área que historicamente serve de manutenção para o culto. Dessa forma, possibilitamos

SORA MAIA/ARQUIVO CORREIO*



Vinícius Nascimento

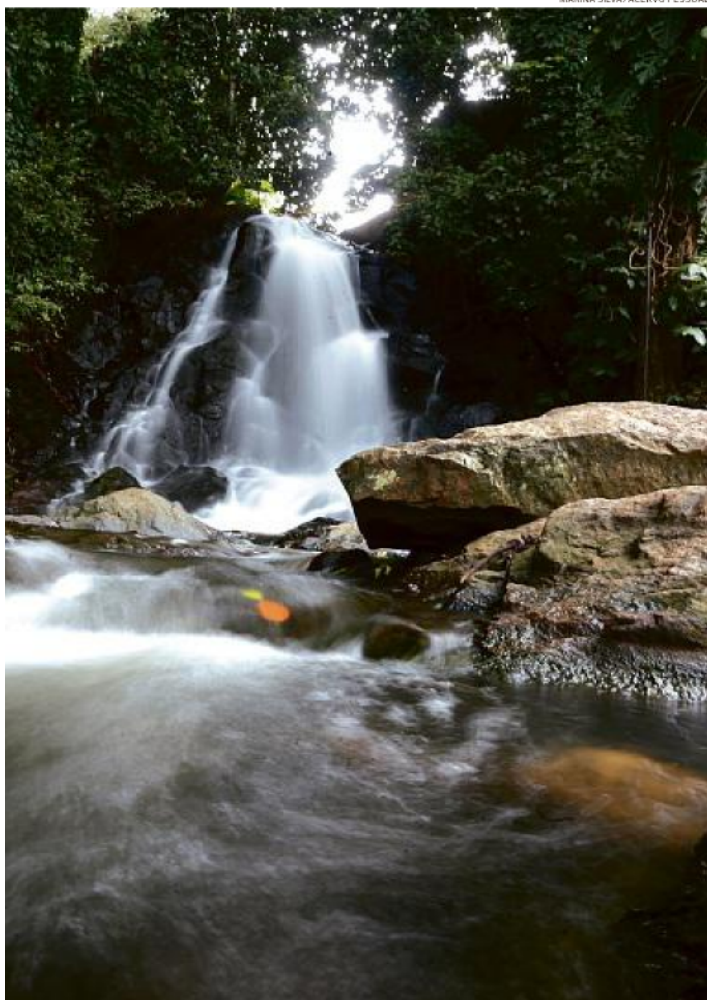
texto
vinicius.nascimento
@redébahia.com.br

MAURO AKIN NASSOR/ARQUIVO CORREIO



2

MARINA SILVA/ACERVO PESSOAL



que nossas práticas sejam realizadas e consequentemente o saber e o conhecer sejam passados para as futuras gerações", explica Leonel.

Ele conta que um levantamento da AFA apontou que existem cerca de 2 mil terreiros de candomblé na capital baiana, mas que não sabe precisar quantas casas têm a Pedra de

Xangô como seu local sagrado. O que garante é que são muitas, não apenas da capital, mas também de cidades do interior do estado e da Região Metropolitana, como Madre de Deus, Feira de Santana, Simões Filho e São Francisco do Conde. Para Leonel, a preservação desses espaços é de fundamental importância para a sobrevivência da cultura e religião negras. Por isso, reforça, é necessário que haja investimentos para que eles se tornem locais mais conhecidos pela população, respeitados e perpetuados.

"Quando falamos que é importante existir o terreiro de candomblé, um local como a Pedra de Xangô, o Dique do Tororó, a Pedra de Ogum e a Lagoa do Abaeté, nós estamos garantindo a perpetuação do culto, de nossas práticas, saberes e fazeres. Elevamos e colocamos para a sociedade que somos importantes culturalmente, financeiramente e economicamente na cidade. Falamos que existimos, estamos aqui e que precisamos ser preservados e valorizados", aponta.

DIQUE

Nem todos os espaços sagrados para as religiões de matriz africana ficam afastados do Centro da cidade. O Dique do Tororó é um bom exemplo disso. Ponto de passagem obrigatória para vários pontos da Soterópolis, é espaço sagrado para terreiros de vários bairros, como o próprio Tororó, Engenho Velho de Brotas e Engenho Velho da Federação. É o Dique também que abre os festejos a Iemanjá na madrugada do dia 2 de fevereiro.

No dia 1º, o Dique ganha um outro preceito, o Xorodó, primeiro presente que se dá às águas. Esse presente é ofertado à Oxum, senhora das águas doces. Depois disso é que chega a hora de apresentar Iemanjá.

Carlinhos Brown conta que passa pelo local em vários dias da semana, por conta do trânsito, e aproveita essas ocasiões cotidianas para saudar Oxum e os orixás, que são representados no Dique pelo xirê assinado pelo artista plástico Tatti Moreno.

"O Dique do Tororó sempre esteve circundado pelas maiores forças, ou de tudo que motivou e impulsionou a cultura baiana. Diga-se de passagem, o Apaches do Tororó, que completou 52 anos na semana passada, foi dali que nasceram todos os blocos afros como o Ilê Ayê, o Muzenza e tantos outros. E foi ali que também emergiram as escolas de samba como Filhos do Tororó, Juventude do Garcia, e grupos afro-ameríndios como o Cacique, Tupi, Vai Levando e o Secos e Molhados, por exemplo. Ou seja: o Dique está circundado dessas forças, então ele é uma Catedral de Águas", diz Brown.

O historiador Rafael Dantas explica que a forte associação do Dique com o viés afro e as religiões de matrizes africanas passa a ser publicizada ao longo do século XX, principalmente após as reformas realizadas no espaço como a entrega das esculturas dos Orixás.

"Antes disso, as atividades do Dique eram especialmente para pesca, lavagem de roupa e também lugar para fazer as oferendas, algo semelhante ao que acontece na Lagoa do Abaeté, por exemplo", explica Rafael Dantas.

●● Não podemos esquecer que durante muito tempo predominou a imposição da fé católica. Portanto, as pessoas escravizadas se afastavam para montar seus quilombos e poder manifestar a sua fé
Rafael Dantas
Historiador

●● Para além do espaço físico do terreiro, também preservamos a área que historicamente serve de manufatura para o culto
Leonel Monteiro
Presidente da Associação Brasileira da Preservação da Cultura Afro-Ameríndia

●● O Dique do Tororó sempre esteve circundado pelas maiores forças, ou de tudo que motivou e impulsionou a cultura baiana
Carlinhos Brown
Cantor e compositor

GUERREIRA QUILOMBOLA VIVEU E LUTOU NO PARQUE

Do grupo de seis modelos que posou para o Afro Fashion Day no primeiro dia de gravação, ninguém conhecia o Parque São Bartolomeu. Depois de conhecer, o sexteto ficou encantado com o lugar, que abrigou o Quilombo do Urubu no final do século XIX. Esse quilombo era comandado por uma mulher: Zeferina.

Historiadora formada na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), Maíra Sousa conta que Zeferina é angolana e chegou ao Brasil após ser capturada junto à sua mãe, de nome Amália, ainda na primeira metade do século XIX. Seu quilombo era marcado por pluralidade, reunindo índios, escravos fugidos e libertos. Há relatos apontando que os quilombolas premeditavam uma revolução que tinha objetivo de tomar a capital baiana e libertar todos os negros escravizados.

Maíra diz que a data de formação do Quilombo do Urubu não é precisa, mas há evidências históricas apontando que Zeferina chegou à região onde hoje é o Parque de São Bartolomeu, fugida de seus senhores e foi acolhida por outros quilombolas. Em pouco tempo, se tornou uma liderança forte do local. Ela organizava furtos para conseguir mantimentos e tocar a vida no Urubu.

A estuosa conta que, em dezembro de 1826, Zeferina foi presa, liderando a população quilombola em um levante contra-ataque às tropas policiais que invadiram o Quilombo do Urubu. Cerca de 50 homens e mulheres brigaram com arcos, flechas e pedras contra homens armados. Mesmo com a desvantagem, apenas duas pessoas foram presas. Um homem, sobre o qual não há registros, e a própria Zeferina.

A oralidade foi muito importante para reconstruir a história de Zeferina. Autora da dissertação de mestrado e do livro O Poder de Zeferina no Quilombo do Urubu: uma Reconstrução Histórica Político-social, Sílvia Maria Barbosa e Silva explica que recorreu a moradores da região para elaborar o seu trabalho, já que homens e mulheres negras não tinham nome ou sobrenome no período escravocrata e isso é determinante para o apagamento de diversas histórias. Segundo Rafael Dantas, a oralidade é muito importante para a comunidade negra como um todo, sendo responsável por garantir a perpetuação de histórias que não aparecem nos registros oficiais da historiografia baiana.

O AFRO FASHION DAY É UM PROJETO DO JORNAL CORREIO COM O PATROCÍNIO DO HAPVIDA, A PARCERIA DO SEBRAE E O APOIO DO SHOPPING BARRA E LAGARES.